



Teoria da recepção e as reportagem sobre as falhas do Enem¹

Patrícia Laura Kuhn²

Lisandra Portela Steffen³

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

Resumo: Este artigo é resultado da análise de reportagens sobre as falhas do Enem em 2010 em dois meios de comunicação. O estudo dialoga com a Teoria da Recepção e discute sua relação com abordagem do assunto nos meios. Para esse processo são analisadas a matéria veiculada no Bom Dia Brasil, jornal matutino da Rede Globo, de 08 de novembro e a publicada na Veja, revista da Editora Abril, de 17 de novembro de 2010. A análise também considera a opinião de diferentes pessoas da sociedade sobre a abordagem dos meios em relação a seu conhecimento prévio.

Palavras Chaves: Comunicação; Mídias; Recepção.

Introdução

“Os receptores são ativos”. Com essa afirmação de Ana Carolina Escosteguy e Nilda Jacks, no Livro Comunicação e Recepção podemos analisar o que sempre soubemos, nós pensamos. Diferente de uma teoria que nos colocava como apenas seres alienados, quase nos resumindo a humanos treinados a pensar como os meios de comunicação desejavam. Na qual não tínhamos reações, não relacionávamos com nada, recebíamos a mesma mensagem e assimilávamos da mesma forma. Agora e sempre pensamos, os meios nos passam as informações e nós avaliamos as condições antes de formar um conceito. Nós temos uma ideia própria, consumimos porque queremos.

Esses são alguns dos fundamentos que podemos subentender da Teoria da Recepção, na qual além de receber nós consideramos a nossa situação e nosso

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Acadêmica do 4º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, da Unijuí; e-mail: patricialaurakuhn@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Unijuí; e-mail: lisandra.steffens@unijui.edu.br



conhecimento para depois formularmos uma ideia. Assim como na afirmação de Ana Carolina Escostguy e Nilda Jacks:

É nesse cenário que falar em comunicação e recepção resulta numa sobreposição, pois o processo de recepção é parte intrínseca do processo de comunicação, em que o primeiro é parte constitutiva e constituinte desse último. Assim o processo de comunicação engloba a recepção (ESCOSTEGUY and JACKS, 2005, p. 14)

Com isso vamos analisar nesse trabalho as diferentes formas como os meios passam as informações, mas acima de tudo como cada indivíduo recebe-as. Para isso utilizaremos a reportagem sobre as falhas no Enem 2010 veiculada no Bom Dia Brasil e publicada na Revista Veja.

1 Teoria da Recepção causa diferentes reações, em relação ao caso Enem

O Estudo da Recepção é uma das teorias da Comunicação, no qual se dá uma abordagem diferente da Teoria Crítica, que vê o receptor como um alienado passivo as mensagens dos meios. A Teoria da Recepção traz uma abordagem mais inclusiva e que analisa não só o receptor, mas passa a incluir o contexto e o conhecimento prévio dentro do processo de comunicação. Essa teoria busca entender como o telespectador, leitor, ouvinte, entre outros, recebe a informação, faz uma análise e tem um feedback de acordo com vários fatores que interferem nesse processo. Assim, como ressalta Escostguy e Jacks:

Tal vertente inclui investigações que estabelecem tensões com as ideias de efeitos e influências, bem como concentram-se nas relações sócio-culturais entre públicos/audiências e meios de comunicação. (ESCOSTEGUY and JACKS, 2005, p. 15).

A Teoria da Recepção aponta principalmente que o receptor ao receber a informação do meio passa para um processo de ligação com seu contexto de vida. Dessa forma diferente da Teoria Crítica, na qual entendia-se que o receptor apenas recebia e não tinha reação; a Teoria da Recepção aponta que a informação é assimilada de forma diferente para cada indivíduo.

Essa teoria pode ser aplicada na análise das abordagens dos meios em relação à prova do Enem 2010, já que cada indivíduo recebe de forma diferente essa notícia.

1.1 O Enem



O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante brasileiro ao completar sua escolaridade básica. Criado em 1998 pelo Ministério da Educação, o Enem é utilizado como critério de seleção para os estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa no Programa Universidade para Todos (ProUni). Ainda, cerca de 500 universidades distribuídas por todo o país já utilizam o resultado do exame como critério de seleção para o ingresso no ensino superior, complementando ou substituindo o vestibular.

Durante 10 anos o Exame foi composto por 63 questões objetivas e uma redação e aplicado em só um dia de prova. Em 2009 o Ministério da Educação apresentou uma proposta de unificar o vestibular das universidades federais utilizando um novo modelo de prova para o Enem. Assim a prova ganhou 180 questões de múltipla escola, além da redação. Pela dimensão da prova o exame agora é aplicado em dois dias.

No entanto, no ano de aplicação desse novo modelo, o Enem teve de ser cancelado, poucos dias antes de sua realização devido ao roubo de cadernos de prova e o vazamento de seu conteúdo. Adiada para cerca de um mês e meio depois, a prova teve também erros na divulgação dos gabaritos. No início de 2010, vazaram informações sigilosas e pessoais na Internet de inscritos do Enem.

Em 2010 o Enem foi realizado nos dias 06 e 07 de novembro em todo o Brasil. Mas durante a aplicação das provas, deste ano, foram apontados erros na impressão dos gabaritos de respostas e na montagem de um dos cadernos: o amarelo. Posteriormente, o Exame foi remarcado para quem foi prejudicado com a montagem dos cadernos.

2 A abordagem dos meios

O fato em 2010 teve grande repercussão nos meios de comunicação que trouxeram matérias bastante opinativas sobre o caso, mas os telespectadores e leitores receberam essa notícia de forma diferente, relacionando com sua realidade e seu contexto, assim como aponta a teoria da recepção.

As mediações contextuais compõem uma segunda categoria constitutiva da mediação no entorno, fazendo referencia a elementos contextuais da recepção como o lugar de origem e a resistencia, o nível educativo, o tipo de trabalho desenvolvido, suas expectativas de mobilidade social, suas próprias percepções sobre os meios, em geral, “suas visões e ambições”. (COGO and GOMES, 2001, p.16)



2.1 Bom Dia Brasil: a abordagem opinativa

Essa repercussão se estendeu por todos os meios de comunicação. Teve destaque na televisão, já que este meio utiliza, além do som, as imagens, e estas, causaram grande repercussão no público, que tinha o Enem, como um exame de credibilidade. Entre os programas que deram destaque ao fato, o Bom Dia Brasil, exibido todas as manhãs na Rede Globo, foi o que trouxe uma reportagem com os resultados e problemas dos dois dias de prova, logo na segunda-feira pela manhã.

No dia 08 de novembro, um dia após a finalização da prova do Enem 2010, o Bom Dia Brasil, reuniu as informações dos dois dias do Exame e apresentou a reportagem em meio à coluna de um de seus comentaristas como destaque da edição. O primeiro jornal do dia trouxe principalmente um resumo do final de semana sobre o assunto e outras supostas falhas do Enem.

“Nem o Ministério da educação sabe. Será que os alunos prejudicados no Enem poderão fazer outra prova? Ainda não se sabe.” (MACHADO, 2010), foi com essas afirmações que o Jornalista e Editor-Chefe do Bom Dia Brasil, Renato Machado, iniciou a reportagem sobre o Enem. A jornalista Renata Vasconcellos acrescentou “Quanta confusão” (VASCONCELLOS, 2010).

A reportagem foi passada então para o colunista de política, Alexandre Garcia que fez, em um tom de sátira, seu comentário diretamente de Brasília: “O Ministro (da Educação, Fernando Haddad) ainda não se manifestou e hoje embarca com o Presidente da República para Moçambique na África” (GARCIA, 2010). Pode se analisar que o comentarista faz uma comparação ironizando a viagem do Ministro e também do Presidente que deixam o país sem as explicações e subtende uma falta de atenção com o assunto por parte das duas autoridades políticas.

De Brasília, é Alexandra Garcia quem faz papel de âncora (apresentadores de telejornais) e chama a reportagem sobre o assunto. O fato aparentemente insignificante mostra como o assunto é levado com um tom muito mais opinativo do que jornalístico. Já que a reportagem é mostrada dentro do comentário de Alexandre, que não tem compromisso com a imparcialidade, pois não faz o papel de jornalista nesse caso.

Com clima descontraído a reportagem de Guilherme Portanova inicia: “Na chegada das provas, tinha até buzinação estilo vuvuzela” (PORTANOVA, 2010). Mas logo no segundo apontamento da narração já se percebe certo declínio a mostrar apenas os problemas do Enem 2010, quando o jornalista afirma que depois das confusões nas



provas de sábado, no segundo dia do Exame os alunos já chegaram escolas com medos de novos problemas. Essa afirmação remete a pensar que a prova já tinha chances de ter mais erros.

É característico do telejornal a grande rapidez com que a notícia é dada, dessa forma até esse Bom Dia Brasil de segunda-feira (08), cerca de cinco telejornais e boletins ao longo da programação já haviam anunciado a notícia sobre a falha de impressão do sábado, por isso o Jornal utilizou apenas uma reprise dos fatos do sábado, para dar prosseguimento a reportagem.

A reportagem falou sobre as falhas nas provas amarelas do domingo em poucos 25 segundos. No entanto utilizou cerca de um minuto para trazer o fato isolado de uma menina com catapora que não fez a prova em sala separada dos demais alunos. Esse fator faz com que o receptor avaliando todo o histórico do Enem acaba por acreditar que o Novo Enem está mais ainda sem credibilidade.

Por fim um breve histórico dos problemas do ano passado e da escolha da gráfica para imprimir o Exame antecede o ‘estímulo’ aos estudantes para que entrem com uma ação judicial conjunta contra o Enem. Isso pode ser analisado na entrevista com o Presidente da Comissão dos Exames de Ordem da Ordem dos Advogados do Brasil.

A reportagem é finalizada com uma entrada do repórter trazendo mais informações e com a fala do Presidente do Inep, Joaquim José Soares Neto que finaliza dizendo: “Nenhum estudante vai ser prejudicado” (NETO,2010). Voltando ao estúdio do Bom Dia Brasil em Brasília, mais uma vez a fala é de Alexandre Garcia que afirma: “É nenhum estudante vai ser prejudicado, todos já estão sendo prejudicados pela insegurança de uma prova tão importante” (GARCIA).

De volta ao Rio de Janeiro, Renato Machado encerra a reportagem do ‘desacreditado Enem’, pelo menos essa será a imagem que grande parte dos receptores vai ter sobre o Exame ao final dessa reportagem de sete minutos e cinquenta segundos do Bom Dia Brasil.

O fato das falhas do Enem em relação aos seus receptores pode ser analisado como Efeito Fraco da Teoria da recepção, já que ela surgiu na sociedade e depois foi repassada para as mídias, diferente de um efeito forte que é criado pelo meio. Como explica Ecosteguy e Jacks:

Esse movimento pendular que, em certos períodos, trata a comunicação massiva sob a suspeita de ter grande influência sobre



a sociedade e a cultura, e que, em outros, tal poder se vê relativizado, é conhecido respectivamente pelas denominações genéricas de “Teoria dos Efeitos Fortes” e “Teoria dos Efeitos Fracos” (JENSEN e ROSENGREN, 1990:2009), as quais acompanham uma mudança na noção de efeitos, de uma visão restrita – efeitos diretos e específicos – a uma visão mais ampla – efeitos indiretos e difusos. (ESCOSTEGUY and JACKS, 2005, p. 25).

Podemos afirmar que cada pessoa ao assistir a reportagem no Bom Dia Brasil fez uma diferente análise e produziu uma concepção quando ao assunto, produção está feita a partir do que já conhecia e também com o que ocorre na sua realidade. Percebemos que a forma como o meio aborda o tema faz com que os receptores tenham uma informação diferente e alterem sua forma de assimilação do conteúdo.

Na reportagem do Bom Dia Brasil analisamos que o receptor tem a seguinte mensagem: ‘O Enem é um problema, ele não é o método mais confiável e eficiente para chegar ao Ensino Superior. O Enem deve acabar se não conseguirem fazer ele se tornar seguro’. Essa é a informação que o meio passa, assim como pode ser visto na afirmação da estudante universitária sobre a reportagem no telejornal, Vanessa Bruinsma, que realizou a prova em 2010:

As confusões do Ministério da Educação, que a cada ano só aumentam, prejudicam o emocional dos candidatos. Pois passamos um ano estudando para tentar uma bolsa de estudos pelo Enem. Além de o Exame ser uma prova cansativa, enjoada e até muito vezes confusa, o tempo perdido acaba sendo muito, pois precisamos fazer a prova em 2 dias, e a coordenação da prova tem um ano inteiro para organizar a prova e mesmo assim a prova vem toda errada, o que acaba gerando grandes confusões, entre estudantes e todo o resto envolvido na educação do país. Assim é difícil entender a real proposta da prova, não tenho como saber se a prova vai valer para algo. Sou a favor de uma nova prova para os alunos que tiveram a prova amarela. (BRUINSMA, 2010)

Vanessa realizou o exame então é nítido que foi afetada diretamente, pois quer uma bolsa de estudos e as falhas podem ter atrapalhado seu desejo. Ela relata problemas além dos que a reportagem transmitiu, problemas menores, como o cansaço para realizar as provas, mostrando que seu conhecimento prévio é outro e ela faz relação a ele.

As falhas do Enem tornam-se um grande ‘problema’ para a concepção dos receptores porque o eles tinham um conhecimento prévio do ano passado quando já havia ocorrido outra falha e elas se somaram. Isso pode ser analisado com a afirmação da Professora Márcia Saraiva ao assistir a reportagem:



Me senti angustiada, pois mais uma vez o Ministério da Educação errou. Tanto esforço que fizemos para ensinar nossos alunos a terem responsabilidade, e o próprio governo não organização suficiente para que realizar a prova mais importante do país. Ver os alunos chorando porque estudaram o ano inteiro e penso nos meus que poderiam ser eles. Realmente fiquei triste, perco os argumentos com meus alunos quando vejo uma coisa dessas. (SARAIVA, 2010)

Podemos perceber que ela fez a relação direta com seus alunos, seu contexto de vida. Também vemos que as imagens das pessoas chorando tocaram a professora, característica da apelação televisiva. Ainda, ela remete a “mais uma vez errou” então ela tem um conhecimento prévio de que já houve outras falhas.

2.2 Veja: a abordagem esperançosa

A intensa repercussão e destaque ocorreu mais na televisão do que nos meios impressos, como foi o caso das revistas que não deram destaque para o assunto durante o período. As revistas no Brasil têm uma tendência a abordarem temas e emitirem opiniões em suas matérias. A imparcialidade da revista é nítida na opinião do jornalista, escritor e professor, Ruben Hordorf:

Se o jornalista pode ser destroçado por emitir opiniões numa reportagem, então a direção da Veja permite que seu comandado cometa suicídio profissional, tornando-se conivente ou se trata de pura omissão, denotando incompetência na gestão da redação. Assumindo essa atitude diante da sociedade, a revista macula a imprensa que o leitor conhecia e respeitava. (HOLDORF, 2010)

Apesar de datar sempre quartas-feiras a revista Veja é entregue aos assinantes aos sábados e nas bancas aos domingos anteriores. Pesquisa mostra que 86% de sua venda é relativa às cerca de 920.000 assinaturas. 63% dos leitores da Veja têm dos 20 aos 49 anos, sendo 53% mulheres.

A revista Veja trouxe em sua edição de número 2191, de 17 de novembro de 2010 a capa: Porque os Bandidos Matam. Dez dias depois do Enem com suas falhas, e primeira edição após a aplicação do Exame, o assunto não esteve ao menos nos destaques da semana colocados acima na capa da revista. Com duas páginas, o assunto que tomou conta dos telejornais e jornais impressos chega com ares de notícia velha e sem importância em uma das mais importantes revistas do país.



Dezenas de pessoas com narizes de palhaço olhando para a câmera, com a legenda “Foi uma palhaçada”, dão o tom da reportagem das páginas 90 a 93. Através da diagramação realizada o receptor vê antes a foto antes de tudo, até mesmo do título. Esta é mais uma característica da revista que pode utilizar a diagramação para fazer a hierarquia do que é mais ‘importante’. Nesse caso pode se analisar que essa atitude tenha sido tomada para chamar a atenção do leitor para um assunto que pode ser considerado velho, devido ao tempo transcorrido até a edição ser publicada.

‘O Enem precisa dar certo’ (LIMA, 2010, p. 90) é com esse título a matéria inicia na página 91 depois da foto e também de “Um histórico de problemas”, quadro em que são relatadas as falhas que já ocorrem no Enem desde setembro de 2009.

“A prova nacional unificada ao término do ensino médio é vital para melhorar a educação no Brasil. Descentralizar e com aplicação racional, ela terá futuro – sem agonia para os estudantes” (LIMA, 2010, p. 90) é assim que a reportagem de Roberta de Abreu Lima faz referência no *olho* da matéria ao Enem. Nesse caso ela mostra que a prova tem sim um objetivo digno e que precisa que algo seja feito para que seus benefícios possam ser aproveitados. Assim é perceptível um foco diferente do dado no Bom Dia Brasil.

O primeiro parágrafo do texto tem um caráter mais informativo trazendo detalhe sobre as provas e as falhas, nesse caso é perceptíveis a presença de muitos números oriundos do tempo de pesquisa que a revista teve para que a matéria fosse redigida. Ainda assim pode-se analisar expressões muito opinativas desde o início do texto como: “tornou-se um epicentro de angústias e indefinições”, ou então “um tormento”. Esse trecho é finalizado com a opinião de uma estudante que fez a prova em uma frase ilustração forte: “O Enem virou sinônimo de trapalhada”.

Assim como termina o primeiro parágrafo já inicia o segundo no mesmo tom: “Sem patriotada, é o caso de torcer para que esses erros sejam banidos e o Enem continue” (LIMA, 2010, p. 90). Seguindo a jornalista critica o sistema de aplicação do Exame, remetendo a grande operação de segurança como o ponto central para abrir uma gama de falhas a serem cometidas e traz exemplos de outras provas com o mesmo objetivo em outros países. “É preciso descentralizar o Enem”, afirma.

A jornalista segue trazendo fatos de como as falhas prejudicaram os alunos das mais diferentes formas e sobre a falta de orientação passada aos fiscais de prova. Para fundamentar seus questionamentos e afirmações ela traz um ex-funcionário do Inep para comentar. Quando colocado no texto o receptor tende a acreditar mais naquilo que lhe é



passado devido ao seu conhecimento prévio de que os funcionários tendem a conhecer mais das empresas do que as pessoas que olham de fora, o mesmo caso então quando se fala de um órgão público.

Novamente em seu penúltimo parágrafo a jornalista remete as provas realizadas em outros países e faz referência ao quadro ao lado no qual há maiores explicações. Provas da Inglaterra, Estados Unidos, e França são tidas como exemplos no Box ao lado do texto, uma foto da prova na Inglaterra ilustra também o quadro. A finalização ocorre com a frase de um estudante que fez a avaliação: “Foi um sufoco”. Percebe-se que ao longo do texto a jornalista foi extremamente opinativa, mas que buscou dar novas soluções para o Enem.

A teoria da recepção pode ser aplicada também na abordagem da revista Veja. Se analisarmos alguém que não tenha realizado o Enem, mas que já fez a prova no método antigo ele terá uma outra visão sobre o tema. Como pode ser vista na afirmação estudante universitário, João Victor Magalhães Mousquer, sobre a reportagem da revista:

“Apesar de não ter tido perda pessoal e objetiva com o exame tive perda subjetiva, já que mais uma vez, comprovadamente, setores e segmentos institucionais mostraram-se falhos, senão corruptos. É o “jeitinho brasileiro” falando mais alto, mais uma vez. Ao invés de destinarmos as energias para o interesse fim que se destina o Enem, que é avaliar o ensino médio brasileiro, incorporaram a ele a prerrogativa de entrada nas vagas universitárias, por isso ele se tornou mais visando fazendo com que interesses degradantes em seu meio prejudicasse o seu fim”. (MOUSQUER, 2010)

O estudante ao ler a reportagem percebe que não tem nenhuma relação direta com o problema o que relacionamos com o contexto, mas também dentro disso remete a um contexto maior em que vive, a sua nacionalidade e seu conhecimento prévio quando relembra o “jeitinho brasileiro”, dessa forma a informação só vem a acrescentar a descrença um país com políticas corretas.

Imaginemos outra situação, de alguém que foi bem na prova e que não quer que ela seja anulada:

No primeiro dia eu fiz a prova amarela e a única falha que ele viu foi o título do cartão resposta que estava trocado. Mas não me afetou em nada porque a instrutora deu a devida explicação. Não me senti prejudicado, não viu questões iguais como tão falando. Acho que tão fazendo alarme demais quanto a isso, que quem está reclamando deve ter ido mal na prova. Sou totalmente contra uma nova prova. (FELIPIN, 2010)



O diagramador e arte finalista, Lucas Felipin, 21 anos, realizou o Enem e acredita ter ido bem, assim prefere que não tenha outra prova, relacionamos isso ao contexto dele, ele não comentou sobre o conhecimento prévio o que supomos, então, não ter importância em relação ao seu contexto pessoal já que no ano passado ele não realizou o exame.

Por fim vamos analisar uma última situação, de quem estava do outro lado, um fiscal de prova, Rafael dos Santos:

“Realmente houveram confusões e poucas orientações de como proceder com as provas com falhas. Acredito que não será feita uma nova prova, mas se for será boa para mim que fui contratado para o serviço na primeira versão da prova”. (SANTOS, 2010)

O jovem de 22 anos, estudante faz uma relação totalmente diferente dos demais, traz a menção da contratação, então enquanto os outros não querem uma nova prova pelo cansaço, ele pensa em seu contexto, no qual será vantagem se for contratado novamente para fiscalizar o Exame.

Assim se mostra a Teoria da Recepção na prática. Cada indivíduo recebe a mensagem passada pelo meio, nesse caso a reportagem da Revista Veja, de uma forma diferente relacionando ao seu contexto e ao seu conhecimento prévio. Os receptores soa indivíduos ativos como salienta Escosteguy e Acks:

“A análise da Recepção entende os receptores como indivíduos ativos, os quais podem fazer muitas coisas com os meios de comunicação – do simples consumo a um uso social mais relevante” (ESCOSTEGUY and ACKS, 2005, p. 42).

3 Considerações Finais

O Bom dia Brasil e a Revista Veja tiveram diferentes focos sobre o tema Enem 2010 e suas falhas. Essa distintas informações repassadas pelos meios de comunicação ocorreram devido às características de cada meio, levando em consideração o tempo para publicação e a apresentação da reportagem. Percebe-se também que os dois fizeram uma leitura negativa do processo e repassaram para seus receptores. Dessa forma o problema foi intensificado e se tornou tema de debate por todos os brasileiros, inclusive aqueles que não fizeram a prova nem foram influenciados diretamente pelo ocorrido.



A Teoria da Recepção é perceptível a cada nova informação passada pelos meios, cada pessoa recebe a mensagem e a transforma em assimilação personalizada. No caso do Enem não foi diferente, e sim um ótimo exemplo de que as pessoas fizeram uma relação direta com seu contexto de vida e seu conhecimento prévio quando receberam a informação.

A teoria da recepção pode ser aplicada em todos os receptores de todos os meios, em todos os programas de TV, sessões de revistas e jornais, sites, rádios, entre outros. Pois os receptores são ativos, pensam e agem conforme suas vontades. Eles consideram seu contexto e conhecimento prévio para avaliar cada assunto abordado pela mídia, mesmo que este não seja veiculado de forma imparcial.

Referências

BOM DIA BRASIL. **Enem é marcado por confusões.** Disponível em <http://g1.globo.com/videos/bom-dia-brasil/v/enem-e-marcado-por-confusoes/1370867/#/Edições/20101108/page/1> Acesso em 1º de abril de 2011.

COGO, Denise. GOMES, Pedro Gilberto. *Televisão Escola e Juventude*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina e JACKS, Nilda. *Comunicação e Recepção*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

HOLDORF, Ruben. **A visão editorial da Veja revelada nas entrelinhas.** Disponível em <http://www.outraleitura.com.br/web/artigo.php?artigo=337> Acesso em 1º de abril de 2010.

Sobre o Enem. Disponível em <http://www.enem.inep.gov.br/enem.php> Acesso em 1º de abril de 2010.

VEJA. Editora Abril. Edição 2191